

*Memoria e Educação: O Espírito Victorioso, de Cecília Meireles**

Yolanda Lima Lobo

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Procura reconstituir a trajetória de Cecília Meireles, uma das pioneiras da Escola Nova, focalizando três estações por ela percorridas cujo eixo principal é sua tese O Espírito Victorioso, com a qual se submete ao concurso público para ocupar a cátedra de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal. O nome próprio Cecília Meireles representa a forma socialmente instituída que lhe assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais, que são a manifestação de sua individualidade nos mais diversos campos: educacional, jornalístico e literário, isto é, em todas as suas histórias possíveis. A moldura do movimento da Educação Nova que se desejava implantar foi, em parte, obra plástica de Cecília Meireles.

Introdução

Para se compreender a revolução ocorrida na educação brasileira, a partir dos anos 20, é necessário percorrer o conjunto das forças que atuavam

* O texto é produto da pesquisa *As três mulheres do Manifesta e outras tantas pioneiras*, sob minha responsabilidade e com a colaboração das professoras Dr^{as} Cléo de Oliveira Passos (FE/Uerj) e Edith Costa (bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq), desenvolvida com o apoio desta instituição. Sua abordagem metodológica foi orientada pelas leituras de Pierre Bourdieu, especialmente *L'illusion biographique* e *O poder simbólico*; Franco Ferraroti, *Sobre a autonomia do método biográfico*; Carlos Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, e pelos trabalhos de Lynn Hunt, Le Goffe Roger Chartier sobre a Nova História Cultural. "O Narrador", de W. Benjamin, inspira o gênero literário do texto, ou seja, uma narrativa, tentando aproximar-se das sugestões de Burke em *A escrita da História: novas perspectivas* e de Michel de Certeau em *L'écriture de l'Histoire*.

no campo da educação e que representavam, então, o "passado-inimigo-presente".

Quase não havia mais que uma escola - aquela herança dos jesuítas - e uma pedagogia - a tradicional.

Tanto se havia o público brasileiro habituado a conviver com a tradição escolar, em alguns casos até a admirá-la, que todos os outros caminhos pareciam fechados à palpitação com que a vida humana se transforma em seu cotidiano. Ao lado, porém, dessa escola que imobilizava o "ir além", novos valores em educação vinham aparecendo, buscando redesenhar o campo educacional.¹ Muitos daqueles valores novos, hoje consagrados na literatura educacional, tiveram como âncora de seus trabalhos mulheres admiráveis. Ofuscados pelo brilho de outras estrelas de primeira grandeza, os rastros dessas mulheres ficaram encobertos e suas histórias de vida não puderam transparecer, dada a opacidade que as envolvia.

Para compor o produto precioso da experiência pioneira dessas mulheres, é preciso trazer à memória os gestos, as mãos, o olhar, a alma de uma experiência coletiva do universo feminino. Assim, foi preciso tecer a rede que suas histórias constituem entre si, articulando umas às outras, concebendo-se uma história em cada passagem da história anterior.

Para resgatar a memória épica e a dimensão utilitária de um projeto original que se anunciava fracionado e múltiplo e permanecia para além da pluralidade dos mundos da identidade socialmente consagrada pelos nomes próprios, foi preciso fazer uso de um método de conhecimentos que permitisse examinar os pormenores mais negligenciáveis, as particularidades insignificantes e outros elementos que possibilitaram chegar à estrutura da rede das relações objetivas entre as diferentes "estações" onde se pôde achar as pegadas dessas mulheres.

O nome próprio Cecília Meireles, situado no mundo móvel, no qual se encontra instituída uma identidade social constante e durável, garante a sua identidade biológica em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias possíveis.

¹ Estamos transcrevendo, nestes três primeiros parágrafos, as palavras de Cecília sobre o "Panorama da Literatura Brasileira" (in "Notícia da poesia brasileira", *Diário de Lisboa*, 1935), adaptando-as à análise do "Panorama da Educação Brasileira", numa tentativa de fidelidade às suas idéias.

Representa, portanto, a forma socialmente instituída que lhe assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais dos diferentes agentes sociais que são a manifestação desta individualidade nos campos acadêmico, artístico, literário, jornalístico e político. Estes elementos permitiram compreender a gênese social do campo da educação e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas que nele são geradas.

A vocação para o magistério - quem sabe herança da mãe professora - levou Cecília Meireles a fazer o curso da Escola Normal Estácio de Sá, diplomando-se em 1917, vocação que se tornaria plural: cronista e contista, pintora, poeta, compositora, professora, pesquisadora, e que é marcada por *distinção e louvor* desde o curso primário, o que lhe permitiu acumular capital cultural em forma de premiações as mais significativas: medalha de ouro Olavo Bilac, na conclusão do curso primário; com *Viagem* alcançou o primeiro prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras (1938).

Na qualidade de jornalista, criou a "Página de Educação" no *Diário de Notícias*, onde, além de entrevistadora, escrevia diariamente a coluna "Commentário" durante o período de 1930-1933, época em que se delineia o campo da educação, marcadamente "escolanovista" cuja moldura foi, em grande parte, obra plástica de Cecília Meireles. A relação dos títulos da coluna "Commentário" dá uma idéia do "Espírito Victorioso" que se concretizaria em décadas posteriores. A educadora-jornalista abre uma trincheira em sua página do jornal, de onde conversava com os educadores Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa, entre outros, sobre suas teses orientadoras da Reforma de Ensino que ora se implantavam, fazendo "nascer a sombra" do campo da educação.

Assim é que, em carta ao Dr. Fernando de Azevedo, solicita-lhe uma entrevista que se multiplicou por outras, nas quais o educador-reformador manifesta o seu pensamento e o espírito da Reforma de Ensino empreendida no Distrito Federal, considerada como ponto de partida para uma organização educacional completa para todo o país. Para Cecília Meireles a Reforma Fernando de Azevedo era uma enorme esperança que poderia vir a ser por desgraça apenas uma ilusão despercebida. Para ela, vivia-se por aqui tempos duros, onde as técnicas vicejavam como ervas daninhas. Daí sua luta contra os caminhos da desilusão.

A literatura e a educação são dois aspectos indissociáveis do campo educacional. Da "Página de Educação para o "Pavilhão Mourisco", a trajetória de Cecília Meireles ocupa uma série de posições no seu próprio espaço em construção e submetido a incessantes transformações. O "Espaço Mourisco" é uma das estações do seu trajeto e foi inaugurado em 1934, à época de Anísio Teixeira, na direção do Departamento de Educação do Distrito Federal. Tratava-se de um centro de cultura infantil para onde as crianças se dirigiam após os trabalhos escolares, e onde eram desenvolvidas atividades não somente de biblioteca, como também artísticas e musicais. Este centro de cultura despeitou o entusiasmo das crianças e do público em geral e contava com a participação de intelectuais e artistas que atuavam como colaboradores especiais.

Tentar compreender uma vida como a de Cecília Meireles é um trabalho que deve levar em conta a estrutura da rede de sua trajetória, da matriz de relações objetivas às diferentes estações do seu trajeto. É um trabalho inacabável.

Que palavras poderiam exprimir o mundo de Cecília Meireles? Onde buscá-las senão em seus versos?

E o meu caminho começa
nessa franja solitária no
limite sem vestígio, na
translúcida muralha que
opõe o sonho vivido e a
vida apenas sonhada.

(Meireles, 1982b, p.52)

O Espírito Victorioso

Somente aqueles que, em passados vários, contemplaram o processo da vida e a formação humana de um ponto que lhe permita ver o mundo em sua inquietude, podem pressupor o sonho como a antecipação de realidades adiantadas. Cecília Meireles, em sua inquietação, sonha o sonho da mudança

e, para isso, luta todos os dias contra a inércia. Reage contra a invasão das idéias comuns, ao comodismo de certas fórmulas, à passividade das atitudes que se repetem, quer seja pela incapacidade de tentar outras melhores, quer seja pelo temor de enfrentar qualquer risco. Para ela, o passado apresentava-se "oculto, subterrâneo, feito de mistérios e torturas como o caminho silencioso das raízes; o presente conhecia a seiva com gosto das terras mais distantes, as virtudes das profundezas mais variadas e, sobretudo, o valor dos entrecruzamentos livremente operados através desses longos caminhos" (Meireles, 1929, p. 12). Entre o passado e o presente, a magia transfiguradora do movimento. Caminhar para uma época sem predeterminações, por isso, é preciso considerar os homens que vêm para essas épocas futuras, libertos dos preconceitos que se têm de remover do passado. Cecília, então, se indaga: "Se não quisermos ser um estorvo, que passado queremos ser nós para esses que, no presente, são apenas uma probabilidade futura?" (idem). uma claridade nova sobre esse passado surge como resposta a essas inquietações - a escola moderna.

Cecília faz o elogio à nova escola como o sentimento que brotou e se expandiu em um campo, modelando a vida e cada elemento individual com liberdade, de modo que, no milagre das relações posteriores esteja cada valor em seu lugar próprio e nenhum poder fique sem aproveitamento.

A escola moderna é preliminarmente, para Cecília,

a visão do conjunto das atualidades, a sua comparação com as atualidades que se foram e as que vêm. Dessa visão resulta, compreendida a criatura humana, a conclusão de que, para construir a nova tentativa dos homens de hoje, em localizações futuras, é preciso partir do mais longínquo ponto inicial, daquele pelo menos que, nas contingências terrenas, se nos afigura o próprio começo da vida (idem, p. 13).

Aquele era o momento do renascimento educativo que pretendia restituir à criatura humana as suas primitivas qualidades de ânimo livre, de inteligência franca, de estímulo à iniciativa de observar, de destemor de experimentar, de coragem de agir, reconquistando-lhe a independência de quaisquer preconceitos formados e poupando-a de preconceitos novos e de vol vendo-lhe a formação de vontade equilibradora. Tal como no Renascimento, as idéias desse movimento

artístico e científico desgalharam-se a todos os ventos e multiplicaram-se em todas as direções, lançando rebentos que provocaram uma nova cadência no âmbito da escola. Se é verdade que, na teoria, o ideal da escola moderna constituía um empreendimento difícil, na prática o era mais. Um dos obstáculos à sua realização foi o de compor, na sucessão de harmonias, uma nova cadência na qual o solista pudesse executar seu movimento com tal virtuosismo que suas características pudessem situar-se em qualquer ponto da composição.

A imagem do professor como um solista virtuoso, como um artista criando largamente, com tudo que houvesse de notável na sua inteligência, faz-se em oposição à velha aparência do mestre transmissor de conhecimentos imóveis. Em suas palavras:

Um mestre que tenha provado o gosto de vida, intensamente, não que esteja existindo apenas dentro da função de ensinar: um mestre que transmita aos discípulos não o sabor que os seus lábios sentiram, mas o desejo comovido e elevado de tocar também com a sua boca essa estranha bebida e distinguir-lhe o duplo ressábido da eternidade e impermanência (Meyres, 1929, p. 19).

Aqui, a imagem construída do professor se confunde com sua própria história de vida. Quem provou o sabor da eternidade e impermanência com tanta intensidade quanto Cecília Meyres? Quem viveu tão intensamente a tragédia e a criação? Quem sentiu tão de perto os fenômenos da sua época e tão bem compreendeu a natureza humana em suas virtudes e vícios? Quem amou tão largamente o passado sem, entretanto, se curvar a ele? Quem percebeu o presente tão de perto sem, no entanto, oferecê-lo como uma era definitiva? Quem, entre o passado e o presente, aguardou tão alegremente o futuro como um bem maior?

Não são estes os elementos de sua tese *O Espírito Victorioso* com a qual concorre para ocupar a cadeira de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal, em 1930?

No final dos anos 20, Cecília escreve ao artista plástico Fernando Correa Dias, seu marido, uma correspondência onde faz alusão ao concurso público a que se submeteria para ocupar a cátedra de Literatura Vernácula da Escola

Normal do Distrito Federal e para o qual se preparava com afincio, preparação esta tida como condição fundamental para realizá-lo.

Em 25 de agosto de 1930, Cecília sorteou o ponto da prova de aula: "Escritores do último quartel do século XVIII que merecem especial atenção: Domingos Souza Caldas, Frei Antonio de Santa Maria Jaboaão, Frei Gaspar de Madre de Deus, Pedro Jacques Paes Leme. Vista retrospectiva do movimento literário no Brasil, no século XVIII. Principais centros intelectuais".

Anteriormente, numa primeira etapa do concurso, Cecília já defendera sua tese *O Espírito Victorioso* cujo preâmbulo, "A escola moderna", se constitui um elogio à nova educação seguindo-se uma reflexão sobre uma de suas preocupações constantes: a formação do professor. Para desenvolver sua tese, Cecília opta por um foco desconcertante para a historiografia tradicional e inteiramente aceitável nos caminhos da Nova História através da seguinte indagação: "Tudo se encadeia nesta sucessão: instruir para educar, educar para viver e viver para quê?" Para Cecília é nesse ponto que se detêm a História da Educação e a Sociologia porque é o limite de um campo mais misterioso, aonde se vai por sendas mais difíceis, mais entrecruzadas, mais sombrias e mais secretas. Trata-se de um problema que permanece porque é o próprio homem, é a sua talvez única realidade, a realidade espiritual, interrogando a sua mesma razão de ser. uma constatação e um desconhecimento. E uma necessidade angustiosa de uma reconciliação entre os dois. Toda a história da humanidade é apenas a luta por essa conciliação. E não se trata apenas de uma luta teórica. A investigação especulativa, quando constrói os mais altos edifícios de idéias puras, está jogando apenas com a essência das realidades mais experimentadas, mais vividas. As explicações acompanham as perguntas, não as precedem. Primeiro, o homem percebeu o seu mistério e depois, então, anda procurando desvendá-lo. E se há um caminho onde se possa acompanhá-lo, lado a lado, no seu longo percurso interior, esse está nas palavras que nos deixou escritas e que foram o corpo do seu pensamento. E resumiram uma vida diferente, às vezes, de todos os dias, mas de realidades, freqüentemente ainda mais fortes. Para Cecília, é a literatura que mostra o homem com a veracidade que as ciências talvez não tenham. Ela é o documento espontâneo da vida em trânsito, é o depoimento vivo, natural, autêntico.

Para focar seu objeto, Cecília rompe as fronteiras da Sociologia, da História, recompondo-as através da Literatura. "A literatura e a vida" se constitui eixo de sua investigação que é a investigação do existir do homem antes de ser sua expressão.

"O ciclo das tentativas", capítulo central de sua tese, focaliza o tema a que se propôs investigar. Nele, Cecília viaja pelas viagens de Herculano, Bocage, Medeiros de Albuquerque, Camões, Laurindo Rebelo, Alvares de Azevedo, Silva Alvarenga, Thomás Antônio Gonzaga, Gregorio de Mattos, Cláudio Manuel da Costa, Machado de Assis, Olavo Bilac, Guerra Junqueira, entre outros, para decifrar os elementos da marcha da vida humana; mas, é na voz de Cruz e Souza que Cecília encontra aqueles que irão compor o *O Espírito Victorioso*.

"Espírito Victorioso. Instante de glória, de tristeza humana, que vinha tentando encontrar uma definição para si mesma, tropeçando em pensamentos e sentimentos, através de caminhos demorados" (Meireles, 1929, p.104). Este era o espírito que percorria toda a Terra num vento de renovação que se refletia na arte, ciência, filosofia ou religião.

O interesse revelado, naquele momento, pelo problema da formação do indivíduo, pela Ciência da Educação que tem na Escola Nova a sua conquista mais pura, é um resultado de todas essas reações, que o estudo da Literatura tão claramente revela. Ninguém inventa coisas, há momentos em que aparecem coisas diferentes, e indivíduos, mediante os quais, se fazem esses aparecimentos; mas as causas determinantes dessas mudanças não residem nos caprichos de uma criatura nem no seu gênio, são a resposta de muitas interrogações demoradas que amarguraram gerações e gerações (idem, p. 125-126).

Cecília tropeça na pedra da intransigência. Preparada para o concurso e tendo superado os demais concorrentes (dos oito inscritos, três foram reprovados na prova de defesa de tese e três desistiram em razão das notas obtidas nesta prova) nas duas provas iniciais, foi surpreendida na última fase do concurso - a prova de aula. Para esta, somente dois candidatos classificaram-se: o professor catedrático do Colégio Pedro II e inspetor de ensino, Dr. Clovis do Rego Monteiro, e Cecília Meireles, obtendo vantagem com pontos as duas provas anteriores. A prova de aula registrou duas concepções pedagógicas: a clássico-

erudita, defendida pelo professor Clovis do Rego Monteiro, e a moderna, orientadora da aula proferida por Cecília Meireles. A banca examinadora optou pela primeira. Cecília classifica-se em segundo lugar.

A defesa de *O Espírito Victorioso* constituía uma ameaça à face então constituída do campo da educação, e as forças que nele se jogavam eram mais favoráveis à estabilidade do que à sua transformação. A composição da banca examinadora do concurso era maciçamente conservadora, e um dos seus componentes, declaradamente opositor de suas teses. Aliado às intransigências do movimento católico, este examinador usou de sua qualidade de juiz para julgar inapropriado o trabalho de Cecília Meireles. Vale lembrar que, após a Revolução de 30, o Governo Provisório de Getúlio Vargas iniciará uma política de aproximação com a Igreja Católica, resultando na reintrodução do ensino religioso nas escolas públicas. O próprio Fernando de Azevedo, então diretor da Instrução Pública, enfrentaria também resistências à sua Reforma de Ensino. Um exame da correlação de forças no campo da educação vai ser assunto, logo depois, de um de seus comentários na coluna em que viria assinar enquanto jornalista.

A Escola Normal, para qual a boa vontade da presente administração conseguiu elevar uma tão sumptuosa edificação, parece estar ameaçada de vir a abrigar no seu solene recinto todos os adversários da Escola Nova, instituída pela mesma reforma que a criou. (...) O concurso de literatura ultimamente realizado deixou a Reforma Fernando de Azevedo em muito má situação, ameaçada de continuar a ficar sem professores, na Escola Normal, perfeitamente conhecedores da escola primária e da sua conveniente actuação como professores de futuros professores.(...) Depois da desorientação mal intencionada do concurso de literatura, em que os próprios examinadores, dos quais só um pertencia, aliás à Escola Normal, deram as mais robustas provas da sua completa ignorância de pedagogia de qualquer espécie, o concurso de Sociologia, cujo mecanismo interno já começa a aparecer será outra oportunidade para se avaliar o destino que vai ter afinal a nossa magnífica Reforma de Ensino. Já começaram as discussões sobre a mesa organizada. E muito a propósito. Porque os representantes da Igreja, que dela fazem parte, não puderam jamais, pela própria dignidade do seu cargo, deixar *a batina à porta*, como já se disse. Está no seu interesse e na sua obrigação religiosa defender o seu credo. E na sua opinião, fazem, de certo muitíssimo bem. Mas a opinião dos educadores é outra. E essa é que tem que ser respeitada, porque a Escola Normal é um instituto pedagógico e não um seminário (Meireles, "Commentário", 21/9/1930).

O seu deslocamento do campo da educação para o jornalístico abre novas sendas para aquele espírito vitorioso. Portadora de propriedades e atributos próprios, que lhe permitiam intervir, como agente eficiente, em diversos campos, Cecília usa sua mais importante arma para fazer circular, poderosamente, as idéias com que desejava plasmar o campo da educação: a palavra como instrumento de persuasão.

O sentido e o valor daquele momento podem ser lidos nos versos:

Dos meus retratos rasgados me
recomponho, com minhas
espumas de acaso, meus solos
vivos de fogo.

(...)

Dos meus retratos rasgados
me levanto.
E acho-me toda em pedaços,
e assim mesmo vou cantando.

(Meireles, 1982d, p.37)

Logo após o concurso, cria a "Página de Educação" de *O Diário de Notícias*, onde, além de escrever uma coluna, "Commentario", realiza entrevistas com personalidades sobre questões de ensino. Sua coluna era uma ponta metálica penetrante rasgando o universo da educação com faíscas que iluminavam o ene voado panorama educacional.

Conversando com um Grypho

No início de 1931, com a saída do professor Fernando de Azevedo da Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal, assume o cargo o Sr. Raul de Faria, a quem Cecília solicita algumas palavras para informar ao professorado os propósitos da nova administração. Durante muito tempo teve que esperar pelo seu interlocutor, que insistia em protelar o encontro, o que não a fez desistir

e encontrar um outro interlocutor - o grypho. Sentada em frente às escadas que conduziam ao gabinete do diretor, viu-se Cecília diante de dois "gryphos" e mentalmente disse-lhes:

- Você que está aqui há tanto tempo, bem defronte à Diretoria Geral, e que me podia dizer alguma coisa, como observador forçado...

O "grypho", que já foi feito de boca aberta, respondeu:

- Nós estamos aqui encarregados de sustentar esta varanda da escada. Não temos força para nada mais...

- Ora, deixe disso, a escada pouco trabalho dá, porque ali do lado está o elevador.

- É, mas depois de se fazer a mesma coisa todo o dia, durante um certo tempo, acostuma-se àquilo e não pode fazer mais nada...

- Isso eu sei, mas veja. Você tem asas. Você é quase parente das esfinges, de garra de leão, corpo humano e asas de arcanjo. Isto quer dizer que tem possibilidades para optar entre essas qualidades que acumula de animal da terra e animal dos ares. Por que não escolhe?

Então, o grypho arreganhou a bocarra num sorriso doloroso, e entre as pontas dos dentes agudos, murmurou essas palavras:

- Repare como me prenderam as asas de um lado e de outro desta varanda. São asas só para enfeitar... E, bem por cima da cabeça, veja o corrimão que me puseram. Não. Eu estou aqui só para ajudar a gente a subir esta escada. Isso das asas da esfinge e do arcanjo, é poesia... Compreendo-a, porque venho de eras muito recuadas e já atravessei todos os séculos e civilizações. Nós, os gryphos, não precisamos ver mais nada ... Por isso ficamos aqui segurando varandas de escada, permitindo que se suba, que se suba sempre, sem olhar quem passe e sem desejar saber para onde vai.

- E que tal é uma existência dessas ?

Um "grypho" de ferro fundido não se comove facilmente; no entanto, achei-lhe voz mais triste quando me respondeu:

- Nós estamos de fauce escancarada, não vê ? Isto não é ameaça, não é cólera ... Isto é um bocejo apenas ... Um bocejo em que os dias vão acumulando a sua poeira sem fim.

(Diário de Notícias, 7/3/1931).

Para retirar a poeira quase sem fim dos dias que procederam à saída de Fernando de Azevedo, Cecília recorre ao ex-diretor da Instrução Pública do Distrito Federal para falar alguma coisa sobre o espírito da reforma por ele empreendida. Se a reforma morria na nova administração, era preciso reavivá-la, de alguma forma, na mente das pessoas. com o "grypho" Cecília faz a metáfora da situação educacional.

"A arte como instrumento de educação na Reforma" foi o primeiro tema abordado por Fernando de Azevedo. Em uma série de cinco artigos, o educador apresenta a concepção estética da nova educação. A ele, seguiram-se entrevistas com Dr. Frota Pessoa, um dos colaboradores diretos de Fernando de Azevedo, do qual foi seu subdiretor administrativo e que, analisando a situação do ensino primário no Distrito Federal, faz um paralelo entre a obra educacional de Fernando de Azevedo e a Abolição da Escravatura, como dois marcos da civilização brasileira.

A "Página de Educação", do mês de abril de 1931, traz uma carta do professor Anísio Teixeira, onde comenta sobre a *Realidade Brasileira*, livro de autoria de Frota Pessoa.

Seguidamente, Fernando de Azevedo volta a escrever para a "Página da Educação", enfocando o princípio do trabalho educativo sob o título: "A Educação Profissional e a Reforma: a realidade de um quadro desolador; enfrentando o problema de perto". Por mais cinco dias tratou da questão, que se constituía um dos três pilares da reforma.

Removida a poeira, a "Página de Educação" pôde noticiar o novo diretor-geral da Instrução Pública, no Distrito Federal, Dr. Anísio Teixeira. O pêndulo da correlação de forças inclina-se agora em direção da Escola Nova. Sob o título "Para a Honra da Revolução", escreve Cecília: "A nomeação do Dr. Anísio Teixeira para o cargo de Diretor Geral de Instrução Pública vem dar, à administração pública do Dr. Pedro Ernesto um prestígio especial, deixando crer que a Revolução, entra, agora no seu período de mais acerto e de maiores esperanças" (*Diário de Notícias*, 8/10/1931).

O ano de 1931 encerra-se com uma série de conferências de Fernando de Azevedo sobre o outro pilar de sua reforma: Saúde e a Escola Nova, que completava o tripé Estética, Trabalho e Saúde.

Em 1933, Cecília parte em direção a uma nova estação de sua trajetória: o "Pavilhão Mourisco".

O Pavilhão Mourisco

Esta obra representa a mais forte das realizações do espírito vitorioso de Cecília Meireles. com a ascensão do Dr. Anísio Teixeira à direção da Instrução Pública, Cecília Meireles passa a ser uma das suas principais colaboradoras. O "Pavilhão Mourisco", que a princípio seria um projeto de sua realização particular, passa a ser um dos projetos mais importantes da reforma de Anísio Teixeira.

Cecília Meireles dedica-se ao "Pavilhão Mourisco", que inicialmente se destinava a ser a Biblioteca Infantil do Distrito Federal, mas se transformou num centro de cultura infantil por vontade expressa de sua idealizadora. Na cerimônia de inauguração, o diretor da Instrução Pública, Anísio Teixeira, afirma que a "Casa da Criança" que se inaugurava tinha o caráter muito mais ampla que um centro de cultura infantil, seria um verdadeiro órgão de pesquisa, cujos trabalhos no futuro, produziriam os mais benéficos resultados.

com as mudanças políticas ocorridas no Brasil àquela época, em 1935, que produziram a demissão do Dr. Anísio Teixeira, tomou-se difícil a continuidade dos trabalhos do "Pavilhão Mourisco". Em 1938, os jornais do Rio de Janeiro publicam a notícia do desativamento da biblioteca, por "infundados motivos políticos". O fechamento se prendeu ao fato de que a biblioteca teria no seu acervo um livro "de conotações comunistas," cujas idéias eram perniciosas ao público infantil. Tratava-se da obra de Mark Twain com seu inesquecível *Tom Sawyer*.

O espírito vitorioso vive o período mais denso do seu ciclo trágico. com a morte do marido em 1935 e os tropeços nas tentativas de implantar suas realizações educativas, Cecília deixa transparecer sua fadiga:

Estou cansada, tão cansada, estou
cansada! Que fiz eu? Estive
embalando, noite e dia, um
coração que não dormia desde que
o seu amor morreu.

(...)

A sorte virara no tempo como um
navio sobre o mar. O choro parou
pela treva. E agora não sei quem
me leva daqui para qualquer lugar,

onde eu não escute mais nada,
onde eu não saiba de ninguém,
onde deite a minha fadiga e
onde murmure uma cantiga
para ver se durmo, também.

(Meireles, 1985b, p. 110)

Viagem

Contudo, mais uma vez, o espírito vitorioso recompõe-se e inicia, a partir de 1939, um novo ciclo mais maduro e não menos polêmico: o ciclo das viagens. com seu livro de poemas *Viagem*, conquista o prêmio de poesias da Academia Brasileira de Letras, em 1938.

A premiação provocou um caso rumoroso, com repercussão na imprensa e na opinião pública, que acompanharam com invulgar curiosidade o desdobramento dos acontecimentos em que se envolveram ilustres figuras do principal cenáculo de letras do país.

O julgamento do concurso expõe o conflito entre criatividade pessoal e a tentativa de controle pela instituição. A comissão julgadora designada pela Academia para analisar as 30 obras inscritas (com a desistência de uma das concorrentes, vinte e nove foram julgadas) era presidida por Cassiano Ricardo - autor do polêmico parecer, que foi subscrito pelos demais membros da comissão: o poeta Guilherme de Almeida e o sócio-correspondente João Luso. O autor de *Martim-Cererê* propõe que se confira ao livro *Viagem*, da poetisa Cecília Meireles, o primeiro prêmio e, para que fosse este maior, além de primeiro, o único.

O acadêmico e médico Fernando Magalhães pede vistas do parecer, por tempo indeterminado, provocando um intenso debate através da imprensa, retardando o julgamento. O embate envolve personagens com as quais Cecília já se defrontara anteriormente, deixando transparecer resquícios de uma questão

ideológica que remontava aos momentos da defesa do *Espírito Victorioso*. Autora de vários estudos sobre pedagogia, Cecília deu magnífica e exemplar lição sobre este assunto,

quando o Sr. Fernando Magalhães "scismou" que entendia de questões pedagógicas e foi por ela reduzido à expressão mais simples, em artigo que marcou época. Derrotado por Cecília Meireles, ficou êle à espera da primeira ocasião para vingar-se (como se fosse possível uma vingança de tal ordem) da sua corajosa opositora (Ricardo, 1939, p.96).

uma segunda personagem, que também guardava profundas divergências pedagógicas com Cecília Meireles, vota contra o parecer de Cassiano Ricardo. Trata-se de Dr. Alceu Amoroso Lima, examinador do concurso de cátedra de Literatura Vernácula do Instituto de Educação. Vestígios da intransigência ocorrida nesse concurso jorram naquele momento. uma outra personagem concorrente, e por ela derrotada, no referido concurso, impôs cortes ao discurso que Cecília pronunciaria em nome dos premiados: o Sr. Oswaldo Orico.

Após longos dias de debates, a Academia concede o prêmio de poesia à Cecília Meireles. Outorgadas as demais premiações - teatro, contos -, escolheram os contemplados a poetisa Cecília Meireles para que lhes fosse a intérprete na solenidade de entrega das premiações.

A "Pastora de nuvens" de *Viagem* não pôde, porém, pronunciar seu discurso em nome dos companheiros, em virtude dos cortes a que a censura acadêmica o submeteu. Previamente informada de tal censura pela Academia quanto aos aspectos de ataque à Pátria, à Família e à pessoa dos acadêmicos, considerou, ao escrevê-lo, aquelas recomendações. Entretanto, constatando a mutilação feita pelos censores e percebendo como tinham se excedido, decide não pronunciá-lo, esclarecendo os motivos de seu gesto:

Quando, na Academia, me disseram que eu seria a oradora, estranhei muito. E quando me esclareceram que havia censura "acadêmica", perdi a inspiração. Assim mesmo, escrevi o discurso. A primeira censura do professor Austregesilo pedia-me apenas para ponderar as passagens sublinhadas a vermelho. Não entendi bem porque. Estava disposta a transigir, não obstante - para simplificar. Mas recebi um convite do Dr. Levi Carneiro, para passar pelo seu escriptorio. Conversamos,

analysamos as passagens em questão, mas, com surpresa, vi que elle se interessava por outros cortes. E disse-me que esses cortes eram (não delle...) do Dr. O.O. (Oswaldo Orico).

Ora, este cavalheiro não pertencia à comissão de censura. Pareceu-me mais uma irregularidade sobre todas as outras anteriores. Mas o Dr. L.C. me declarou que as subscrevia... Que fazer? E disse-me que as passagens apontadas podiam ser tomadas como "alusão"... Lamentei muito que tal pudesse succeder, mas não era culpa minha evidentemente... E cheguei à conclusão seguinte: havia um equívoco em tudo aquilo. A Academia parece que desejava que eu falasse em seu nome... Mas eu pretendia falar em nome dos premiados...

Disse isso ao Dr. L.C, mostrando-lhe que as coisas eram um pouco differentes... E, portanto, não chegamos a nenhum acordo...

Depois o professor Austregesilo ainda tentou, gentilmente, conciliar as coisas. Mas era um pouco tarde e eu estava sem paciência...

Foi só.

(*Jornal do Commercio*, 16/7/39).

Em 1940, Cecília aceita o convite da Universidade do Texas para lecionar Literatura e Cultura Brasileira o que a faz chegar à estação Viagens, percorrendo a América Latina, Europa e Asia, principalmente índia onde recebeu, da Universidade de Delhi, o título de Doutor *honoris causa*.

Educadora itinerante, Cecília explica o motivo do seu novo canto:

Eu canto porque o instante existe e
a minha vida está completa. Não
sou alegre nem sou triste: sou
poeta.

Irmão de coisas fugidias, não sinto
gozo nem tormento. Atravesso
noites e dias no vento,

Se desmorono ou se edifico, se
permaneço ou me desfaço, - não
sei, não sei. Não sei se fico ou
passo.

Sei que canto. E a canção é tudo. Tem
sangue eterno a asa ritmada. E um dia
sei que estarei mudo: - mais nada.

(Meireles, 1982c, p. 19)

Vida de pioneira que ficou e permanece, Cecília Meireles, memória-monumento da educação, assegura uma aparência social cuja dimensão histórica ultrapassa os limites dos diferentes campos em que atuou. Seu retrato é múltiplo, como bem afirmou:

Se me contemplo, tantas
me vejo, que não
entendo quem sou, no
tempo do pensamento.

Vou despreendendo elos
que tenho, alças,
enredos... E é tudo
imenso... Múltipla,
venço este tormento do
mundo eterno que em
mim carrego: e, una,
contemplo o jogo
inquieta em que padeço.

E recupero
o meu alento
e assim vou sendo.

(Meireles, 1985a, p.224)

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando de. A arte como instrumento de educação na Reforma. "Página de Educação". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12/3/1931.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 6.ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1993.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n.62/63, p.9-72, juin. 1986.

_____. *Homo académicas*. Paris: Minuit, 1984.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da Historia: novas perspectivas*. Sao Paulo: Unesp, 1992.

CHARTIER, Roger. *A historia cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DE CERTEAU, Michel. *L'écriture de l'Histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico, In: NÓVOA, Antonio (Org.). *O método autobiográfico*. Lisboa: Min. da Saúde, 1988.

GINZBURG, Cario. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e historia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HUNT, Lynn. *A nova historia cultural*. Sao Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 2.ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 1993.

MEIRELES, Cecília. Auto-retrato. In: _____ . *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985a. p.224.

_____. *Cecilia Meireles: poesia e antologia* 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982a.

_____. De metal Rosicler. In: _____ . *Poesia e antologia*. Rio de Janeiro: Agir, 1982b.

_____. *O Espírito Victorioso*. Rio de Janeiro: Ed. Lux, 1929.

_____. Fadiga. In: _____ . *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985b.

_____. A futura Escola Normal. "Commentário". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/9/1930.

_____. Motivo. In: _____ . *Poesia e antologia*. Rio de Janeiro: Agir, 1982c.

_____. Notícia da poesia brasileira. *Diário cie Lisboa*, 08/11/1934.

_____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985c.

_____. Para a honra da Revolução. "Commentário". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15/10/1931.

_____. A Reforma Fernando de Azevedo e a actual situação do ensino primário no Distrito Federal. uma entrevista com o Sr. Raul de Faria. (O Grypho). *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7/3/1931.

_____. Tempo viajado. In: _____ . *Poesia e antologia*. Rio de Janeiro: Agir, 1982d.

NORA, Pierre. Mémoire collective. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *La nouvelle histoire*. Paris: Retz, 1978.

_____. *Les lieux de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

RICARDO, Cassiano. *A academia e a poesia moderna*. Sao Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1939.

Recebido em 13 de março de 1997.

Yolanda Lima Lobo, doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), é professora de História da Educação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

This article is intended to reconstruct the trajectory of a pioneer of the Progressive Education Movement in Brazil, whose name is Cecília Meireles. It highlights the three seasons that she went through, which the main axis is her thesis on The Victorious Spirit. This thesis made it possible for her to go through the examination to occupy the chair of Vernacular Literature at Escola Normal do Distrito Tederai. The proper name Cecília Meireles portrays the institutionalized social form that assures her constancy through the years and the unity through the social spaces, which are the manifestation of her individuality in various fields: Educational, Journalistic and Literary; that is to say, in all her possible histories. The Progressive Education movement's molding, intended to be implanted, was, in part, Cecília Meireles ' plastic art.

Le travail essaye de reconstituer la trajectoire de Cecilia Meireles, une des pionnières de l'Ecole Nouvelle, en y détachant trois saisons par elle

parcourues dont l'axe principal c'est sa thèse L'Esprit Vainqueur, avec laquelle elle se soumet au concours pour occuper le Cadre de Littérature Vernacule de l'Ecole Normale du Distrito Federal. Le nom propre Cecilia Meireles représente la forme socialement instituée que lui assure la continuité dans le temps et l'unité à travers les espaces sociaux, qui sont les manifestations de son individualité dans plusieurs champs: l'éducatif le journalistique et le littéraire, c'est-à-dire, dans toutes ses histoires possibles. L'encadrement de l'Ecole Nouvelle qu'on voulait implanter a été, en partie, une oeuvre plastique de Cecilia Meireles.

El trabajo busca reconstituir la trayectoria de Cecilia Meireles, una de las pioneras de la Escuela Nueva, destacando tres estaciones recorridas por ella cuyo eje principal es su tesis "El Espíritu Victorioso", con la cual se somete al concurso para ocupar la Cátedra de Literatura Vernácula de la Escuela Normal del Distrito Federal. El nombre propio Cecilia Meireles representa la forma socialmente instituida que le asegura la constancia a través del tiempo y la unidad a través de los espacios sociales, que son la manifestación de su individualidad en los más diversos campos: educacional, periodístico y literario, es decir, en todas las sus historias posibles. La moldura del movimiento de la Escuela Nueva que se deseaba implantar fue, en parte, obra plástica de Cecilia Meireles.